

**DAN BROWN***Anjos e Demônios***Códigos, anjos e demônios\*****Oswaldo Alvarez Guerrero**

Uma tarde, durante o conclave para eleger o novo Papa, os quatro cardeais favoritos para serem eleitos foram sucessivamente assassinados – queimados, afogados, enforcados ou enterrados vivos e expostos em lugares públicos de Roma. Embora a responsabilidade desse fantástico atentado para destruir o Vaticano tenha sido atribuída a uma seita anticlerical de cientistas supostamente maçônicos, finalmente o verdadeiro conspirador e criminoso era, nada mais, nada menos que o Secretário Particular do Papa recém falecido, a quem também havia envenenado. O CAMARLENGO, título oficial que designa aquele que, tendo sido o mais próximo servidor do Papa, exerce os poderes administrativos do Santo Padre até a nova eleição, revela-se um fundamentalista delirante. Odeia a Ciência e a Razão, e encarna uma figura fanática da Igreja na sua luta contra os progressistas liberais, que colocam em perigo a fé. Seu objetivo é PERPETRAR um ato heróico e miraculoso para salvar a Igreja e, posteriormente, ser ele mesmo aclamado o novo Papa. Este é o sugestivo nó do argumento de “Anjos e Demônios”, o último romance de Dan Brown, o autor do já famoso “Código Da Vinci”.

\* Artículo publicado el 18 de abril de 2005, en los diarios “Rio Negro” sección columnistas” ([www.rionegro.com.ar](http://www.rionegro.com.ar)) y “La Mañana de Córdoba” Opinion- [www.lmcba.com.ar](http://www.lmcba.com.ar)

Esse fenômeno editorial sem antecedentes merece um olhar sem preconceito que deveria superar as prevenções da crítica acadêmica e da “cultura” literária: ambas resistem a considerá-lo um sério objeto de estudo. Nos tempos que correm, o prestígio e a fama dos grandes números e o poder do quantitativo prevalecem sobre o minoritário, seletivo e qualitativo. Nesse contexto da cultura de massas deveríamos admitir a importância do “Código Da Vinci”: foram vendidos mais de 25 milhões de exemplares. E “Anjos e Demônios”, há poucos meses da sua aparição, vai pelo mesmo caminho.

É verdade que esses livros são acompanhados por intensiva campanha publicitária. Improvisando novas investigações históricas, provocando censuras, desmentidos e denúncias de falsidade histórica, e renovando velhas heresias, o sucesso de vendas e subprodutos se multiplica. A manipulação engenhosa de dados historicamente duvidosos, revelações a respeito de seitas e atividades esotéricas que estão hoje na moda, tudo isto tem originado muitas outras publicações oportunistas, suscitando debates e críticas de historiadores e teólogos de ocasião, que realimentam o êxito de Dan Brown. Mas, tais circunstâncias respaldam ainda mais a atenção que se volta para examinar os efeitos desejados ou não deste verdadeiro acontecimento. Isto porque, por trás da fórmula de best seller, com uma estrutura narrativa de folhetim e roteiro cinematográfico, existem nos thrillers de Dan Brown elementos muito peculiares, que deveriam ser abordados com um enfoque político no seu mais rigoroso sentido. Seria ingenuidade ignorar as consequências da difusão exitosa desta interpretação do poder político da igreja e do relato de práticas inquisitoriais e repressoras que o autor executou coerentemente durante boa parte da História.

Ambos os livros atacam estratégias e ações centrais da Igreja Católica como instituição histórico-política, além da divinização da sua autoridade espiritual. Mas também inscreve uma ardilosa e eficaz impugnação dos dogmas. Não há muita novidade nisso. Desde o seu nascimento, as interpretações dos fatos extraordinários (míticos ou sobrenaturais) narrados nos textos bíblicos, têm gerado as chamadas heresias desde o próprio interior do pensamento religioso. Fora dele, as concepções questionadoras têm-se desenvolvido desde o ceticismo agnóstico, o anticlericalismo e as ciências modernas. Acontece, porém, que a sanha de Dan Brown se estende, ademais, à denúncia, por trás da ficção do romance, de operações delituosas e de corrupção, imaginárias, talvez, mas claramente suspeitas de terem sido perpetradas pela Prelatura do Opus Dei. Esta poderosa organização, não muito amada pela camada mais popular da igreja católica, vem reagindo e atacando o romancista norte-americano com argumentos teológicos e políticos de insólita contundência.

No “Código Da Vinci” formula-se uma refutação da divindade de Jesus Cristo. Ao imaginar que Maria Madgalena não somente foi a esposa senão também a mãe e a autêntica herdeira da mensagem revolucionária de Cristo, condena-se o papel secundário atribuído à mulher pela Igreja. O livro é uma interessante exploração dos vazios e lacunas da história sagrada ao descobrir as contradições e imaginar episódios muito verossímeis, omitidos pelo Novo Testamento. Não se trata, certamente, de um questionamento filosoficamente profundo, mas sim de uma argumentação muito habilmente exposta diante da verdade histórica dos evangelhos.

O mais notável é que o ataque se baseia muitas vezes na própria argumentação tradi-

cional da teologia oficial. Esta última sempre defendeu que os evangelhos não são meras crônicas biográficas de Cristo. Não se ajustam a uma simples fidelidade dos fatos: são textos ditados pela Divindade, que tem seus mistérios. E isso habilita qualquer intento de arrolar novas dúvidas sobre a sustentabilidade da história evangélica. Respalda-se, por outro lado, não somente nas causas políticas – bem terrenas – que provocaram a fixação do cânone bíblico e das regras de organização hierárquica da Igreja, mantidas desde o ano 325 no Concílio de Niceia, e reafirmadas e novamente corrigidas no Concílio de Trento (1545-63). Este último respondia estritamente às necessidades políticas do Império de Carlos V de combater cultural e militarmente as insurreções populares e campanhas da Reforma Religiosa na Alemanha.

Os próprios teólogos católicos oficializados pela Igreja admitem hoje que os quatro evangelhos não são obras escritas num mesmo tempo e por uma mão só. A moderna filologia afirma que são compilações de textos parciais, redigidas em diferentes línguas e mais ou menos harmonizadas. As análises exegéticas da história destes e outros textos considerados sagrados estão cheias de expressões lingüísticas que permitem suspeitar uma frágil consistência, tais como “quase seguramente”, “talvez”, “altamente provável” etc., e que, num salto silogístico, transformam uma mera probabilidade em conclusão categórica e indubitável.

Os pergaminhos do Mar Morto e, sobretudo, os evangelhos chamados apócrifos descobertos em 1947 em Nag Hammadi, no deserto egípcio, são documentos que têm permitido um conhecimento bastante detalhado das complexas origens do cristianismo, das suas interseções e influências com outras crenças e filosofias. E é admissível considerar que houve uma paulatina

construção, não demasiado rigorosa, de uma “história oficial da Religião”. Alguns dos seus relatos e discursos têm sido questionados pelas novas pesquisas arqueológicas e filológicas. Boa parte da teologia católica – em especial a desenvolvida em torno de fatos que requerem uma mínima confirmação histórica – torna-se altamente discutível. Essa fragilidade documental vai minando os próprios fundamentos da fé, ao explicar de modo pouco crível os detalhes da geração e evolução de crenças e conhecimentos muito mais humanos do que divinos.

Nos romances de Brown, revivem-se também os velhos conflitos entre Ciência e Religião, uma batalha secular que as correntes mais retardatárias ainda hoje dominantes nas mais altas hierarquias vaticanas vêm perdendo. A reivindicação feminista, as críticas ao celibato e a fácil denúncia – não por isso menos efetiva – da impropriedade e muitas vezes hipócrita oposição aos prazeres da sexualidade, embora não sejam novidades e respondam a antigas questões não resolvidas, adquirem um vigoroso impulso com estes romances, aparentemente comprometidos com o “progressismo politicamente correto”. A morte de João Paulo II traz consigo uma já evidente crise do neo-conservadorismo religioso. Quando a vocação sacerdotal fraqueja perigosamente nos países mais desenvolvidos e cada vez mais recrutam-se padres na África faminta e castigada pela AIDS, quando as igrejas continuam se esvaziando e as superstições se acumulam, os romances de Dan Brown parecem maçazos aplicados às muralhas dos escritórios e despachos do Vaticano. Poderá persistir numa visão absolutista e monárquica da sua organização e no disciplinamento intolerante de suas regras internas, quando um par de romances, misturando anjos e demônios em fórmulas de narração codificada, justificam tanto escândalo?

**Oswaldo Alvarez Guerrero** é Professor de Filosofia e Presidente da Fundación Arturo Illia para la Democracia y la Paz.